

# O VOLUNTARIADO COMO ELEMENTO DE APRENDIZAGEM E DE EMPREGABILIDADE

**Paula Santos<sup>1</sup>, Marisa Silva<sup>2</sup>, Anabela Guedes<sup>3</sup>**

*IPV - Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Lamego  
Av. Visconde Guedes Teixeira  
5100-074 Lamego – Portugal  
Telefone: +351 254 615 477 Fax: +351 254 613 029  
E-mail: [psantos@estgl.ipv.pt](mailto:psantos@estgl.ipv.pt); [mfonseca@estgl.ipv.pt](mailto:mfonseca@estgl.ipv.pt); [aguedes@estgl.ipv.pt](mailto:aguedes@estgl.ipv.pt)*

## Abstract

Esta comunicação pretende apresentar o voluntariado como uma nova ferramenta de aprendizagem e de potencialização da empregabilidade dos estudantes universitários. Pretendemos apresentar alguns dados resultantes do trabalho já desenvolvido na nossa Escola.

Palavras-chave – ensino colaborativo, voluntariado, competências, empregabilidade

## 1. INTRODUÇÃO

Assistimos na sociedade contemporânea a uma crise generalizada, não apenas ao nível dos constrangimentos socioeconómicos, mas também ao nível da capacidade de construir e desenvolver uma sociedade inclusiva, marcada por uma cidadania interventiva e democracia participativa e pela capacidade de redefinir os paradigmas societais de desenvolvimento.

A sociedade encontra-se, assim, balizada por processos de exclusão social que, como Castels define, consiste na “fase extrema do processo de ‘marginalização’, entendido este como um percurso ‘descendente’, ao longo do qual se verificam sucessivas rupturas na relação do indivíduo com a sociedade” (Castel, s.d., apud Bruto da Costa, 2007).

É para fazer face a estes processos de ruptura que emerge a figura do voluntariado enquanto ferramenta de aprofundamento da democracia participativa e da vivência em sociedade, tal como se refere na Proclamação de 2011 como o Ano Europeu do Voluntariado:

“B. (...) um inquérito do Eurobarómetro publicado em 2007 revelou que 3 em cada 10 Europeus declararam exercer uma actividade de voluntariado, e que quase 80% das pessoas interrogadas consideraram que as actividades de voluntariado formam uma parte importante da vida democrática na Europa,

C. (...) estima[-se] em 5% a contribuição do sector do voluntariado para o produto interno bruto das economias dos Estados-Membros, e que este sector desenvolve acções inovadoras a fim de detectar, formular e responder às necessidades que se fazem sentir na sociedade (...)”

A figura do voluntariado passa, portanto, a ser encarada como uma ferramenta eficiente no combate à exclusão, ao alheamento social e ao afastamento das pessoas dos centros de tomada de decisão e é perante esta envolvente que as instituições de ensino superior se vêem também impelidas para a sua promoção/consolidação enquanto uma ferramenta de formação e qualificação, simultaneamente à formação técnico-científica de recursos humanos que se distingam pela sua qualificação para o desempenho de funções profissionais nas mais diversas áreas.

Nesse sentido, necessitamos de perceber qual o lugar do voluntariado na formação dos estudantes e qual o seu papel na consolidação das suas competências e na promoção de uma cidadania pró-activa.

## 2. O PAPEL DO VOLUNTARIADO NA FORMAÇÃO

Ensinar no ensino superior implica estar consciente dos desafios que os futuros profissionais irão enfrentar, devido à concorrência, à competitividade e à dificuldade generalizada relativamente ao acesso ao mercado de trabalho. De facto, apesar das diversas políticas e programas de cooperação e parcerias comunitárias e/ou extra-comunitárias, a empregabilidade é um dos principais reptos ao qual é urgente responder de forma eficiente (Cf. Santos & Bonito, 2010). Por isso, promover uma cultura de responsabilidade social e cidadania pró-activa, a par da promoção da excelência na qualificação, é uma problemática onde as instituições de ensino devem participar activamente na formação dos seus alunos, ou seja, não basta conceder as competências científicas e técnicas específicas de cada área. A meta a alcançar será contribuir para o desenvolvimento integrado de cada estudante enquanto cidadão informado, socialmente responsável e participativo, conhecendo os seus direitos, mas não descurando as suas obrigações para o desenvolvimento e sustentabilidade social.

A cidadania é aqui vista, então, como o direito e a pré-disposição de cada indivíduo para participar na comunidade, através de uma acção inclusiva, pacífica e responsável, procurando contribuir para o bem-estar de toda essa comunidade. Ser cidadão implica, por isso, deter o sentido de identidade e pertença a uma comunidade onde interage socialmente, tendo sempre presentes os seus direitos e deveres enquanto membro dessa comunidade.

Nesse sentido, as instituições de ensino terão de preocupar-se com a oferta de formações de qualidade e adequadas às necessidades do mercado e à envolvente socioeconómica onde estão inseridas, preparando profissionais que consigam responder às necessidades reais das organizações, públicas ou privadas, através da eficiência da sua actuação enquanto profissionais assertivos que consigam agir como especialistas, ou seja, “conseguir mobilizar os conhecimentos perante qualquer situação, no momento certo e com discernimento” (cf. Perrenoud, 1999a).

Nessa formação superior, teremos de apostar em diversos métodos que convirjam na aquisição e consolidação das competências profissionais, preparando os futuros profissionais a três níveis fundamentais: aliando o saber-saber (conhecimentos científicos), o saber-estar (postura e assertividade) e o saber-fazer (realização de tarefas enquanto profissionais especializados) de forma integrada. Desta forma, o aluno e futuro profissional conseguirá mobilizar e conjugar todas essas capacidades para conseguir resolver novas situações (cf. Boterf, 1994) e preocupar-se com o desenvolvimento sustentável (social, cultural e económico) da sua comunidade.

Essa conjugação de saberes implica, por isso, a própria conjugação de esforços entre as instituições de ensino e as entidades/organizações empregadoras, promovendo-se uma cooperação estratégica para melhorar a competitividade, a qualidade e a produtividade de todos os stakeholders presentes no mercado, através de uma responsabilidade partilhada, onde se evidenciam “três vectores indissociáveis: o saber interagir, o poder interagir e o querer interagir” (Le Boterf, 2005, apud Viana, s/d). Preparar os alunos para trabalhar em equipa, desenvolver o espírito crítico e ter capacidade de enfrentar situações complexas e resolver problemas, são os grandes desafios da formação e a utilização destes métodos garantirá, não só o incentivo à investigação e ao desenvolvimento de processos metacognitivos dos alunos, como também a sua capacidade de contacto com o mundo profissional e com situações reais (voluntariado), de acordo com as solicitações vindas da comunidade e onde poderão aplicar os conhecimentos adquiridos para a realização de tarefas/actividades que permitam uma maior responsabilização social dos futuros profissionais e uma maior consciencialização para o contexto da região onde se inserem.

O voluntariado resulta, por isso, numa estratégia eficaz e eficiente, permitindo uma aprendizagem em ambiente real, durante períodos limitados, nos quais os alunos estão em espaços profissionais ou contextos sociais, consolidando conhecimentos e testando hipóteses, reflectindo sobre as acções desenvolvidas, o que permite a todos os stakeholders uma capacidade efectiva e contínua de avaliar os resultados obtidos na formação (ensino tradicional coadjuvado pelo ensino colaborativo) e no

voluntariado<sup>1</sup>, conforme Santos & Bonito evidenciam (*vide figura infra*), demonstrando uma intervenção planejada, orientada e acompanhada durante todo o processo.

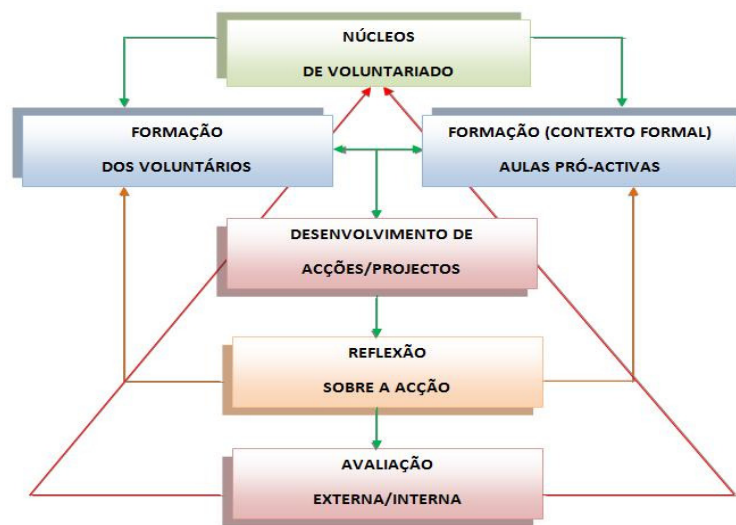


Figura 1 – Voluntariado e Avaliação (Santos & Bonito, 2010)

Perante estes critérios, a Escola constitui uma instituição por excelência para a promoção da cidadania e, conseqüentemente, do voluntariado, concedendo aos seus alunos a possibilidade de intervirem na comunidade, de acordo com as necessidades indicadas por esta, nas áreas onde se estão a especializar, potencializando simultaneamente a sua empregabilidade e mesmo a inclusão e coesão sociais. De facto, consideramos que os alunos que se comprometem com actividades de voluntariado adquirem uma gama de aptidões e competências que vão desde a consolidação das designadas *hard skills* ou competências técnicas (profissionais), passando pelas competências ao nível da organização e da gestão do tempo, da avaliação e da produção de informação, pelas competências ao nível do planeamento e da orçamentação, até às *soft skills* ou competências comportamentais (interpessoais) – competências comunicacionais e negociais, aptas a desempenhar funções de gestão de conflitos ao nível das organizações.

Tal situação ajuda ainda à consecução dos próprios objectivos definidos na Estratégia 2020, que sucede à Estratégia de Lisboa, onde se pretende, juntamente com a definição de 2011 como Ano Europeu do Voluntariado, concertar acções e estratégias, conhecer boas práticas ao nível europeu e conceder um espaço privilegiado a estas actividades, evidenciando o seu papel para o desenvolvimento sustentável de toda a União Europeia, procurando esbater os constrastes existentes entre as diversas regiões do espaço comunitário.

Se, de facto, se pretende aproximar as instituições europeias dos cidadãos, promovendo-se mecanismos reforçados para a cidadania europeia activa (*vide*, por exemplo, art. 11º do Tratado da União Europeia, que estabelece a iniciativa de cidadania europeia), essa aproximação passará obrigatoriamente por um conhecimento mais aprofundado de todo o espaço comunitário e da partilha de experiências e das boas práticas existentes, resultando em acções conjuntas e projectos nacionais/internacionais, que permitam a identificação de problemas comuns e a definição de acções conjuntas eficientes e adaptadas a cada realidade regional/nacional.

<sup>1</sup> A utilização do voluntariado como forma de contacto com o mundo profissional permite ainda, nas licenciaturas adaptadas ao Processo de Bolonha, colmatar a ausência da realização de estágios ou experiências pedagógicas em contexto profissional.

## 2. O VOLUNTARIADO COMO ELEMENTO INTEGRANTE NO PROJECTO DE ESCOLA – O CASO DA ESTGL

“A ESTGL, ciente do seu papel na formação de profissionais qualificados, da sua responsabilidade social e preocupada com a empregabilidade dos seus alunos, tem vindo a promover um Projecto de Escola, que envolve professores e alunos, directamente vocacionado para uma interacção pró-activa e permanente com a comunidade local/regional/nacional e que possa substituir, de alguma forma, a ausência de estágios integrados. Ou seja, este projecto pretende, depois de promover o ensino colaborativo e a pró-actividade dos alunos e recém-licenciados, estabelecer parcerias efectivas com instituições públicas e privadas para o desenvolvimento de actividades/projectos de voluntariado pelos alunos, em ambiente real de trabalho, de acordo com as áreas de licenciatura e devidamente orientados pelos professores” (Santos & Bonito, 2010).

Estes são os fundamentos do nosso Projecto de Escola, já que se pretende proporcionar actividades no terreno, onde os alunos se envolvessem pró-activamente na resolução de situações reais, consolidando conhecimentos apreendidos e melhorando a sua consciência de responsabilidade social, simultaneamente à capacidade da nossa instituição se envolver nos problemas/desafios da comunidade onde está inserida e tornar-se numa parceira para o desenvolvimento e na colaboração em projectos em prol da comunidade:

- potencializando os recursos disponíveis e qualificando activos,
- requalificando e preservando o património natural, edificado, cultural e mesmo social,
- fornecendo dados actualizados acerca da realidade socioeconómica da região, para planificação de estratégias para a identificação das necessidades sociais e para o desenvolvimento sustentável,
- e, finalmente, fornecendo apoio qualificado de front-office e back-office a todas entidades parceiras, contribuindo para uma imagem de qualidade de toda a região.

Uma das condições *sine qua non* para o voluntariado, passa efectivamente pela manifestação de cada aluno em participar de forma livre nessas actividades, isto é, os estudantes não são obrigados a inserir-se nos projectos de voluntariado existentes, dado que estas actividades são extra-curriculares, não se inserindo directamente em tarefas práticas relacionadas com aqueles que sejam previstas no âmbito das unidades curriculares. Os projectos baseiam-se na disponibilidade de cada estudante para participar livremente, sem contrapartidas remuneratórias<sup>2</sup>. Da experiência da nossa escola, muitas vezes, depois de apresentados os projectos de voluntariado pelos docentes responsáveis, a questão é mesmo conseguir inserir todos os candidatos nas actividades disponíveis.

Neste sentido, estão já em funcionamento desde 2008 diferentes áreas de actuação, nomeadamente, o voluntariado cultural, o voluntariado de secretariado e eventos, o voluntariado na área das finanças e o voluntariado social. Deste último, foi criada uma Associação de Voluntariado Social em 2007, a qual se encontra neste momento em fase de reestruturação para que a Escola possa alargar a mesma associação e os seus objectivos às restantes áreas de voluntariado que entretanto ganharam grande importância no Projecto de Voluntariado da ESTGL, e pensando já noutras possíveis áreas a apostar no futuro.

Ao nível do voluntariado cultural, referimos as principais tarefas que os voluntários têm vindo a desenvolver desde 2009:

- apoio no acompanhamento de turistas nas visitas guiadas aos monumentos;

---

<sup>2</sup> De todas as actividades onde os estudantes colaboram, é contabilizado o total de horas de voluntariado. Essas horas e tarefas dão origem à emissão de declarações comprovativas que, posteriormente serão contabilizadas no Suplemento ao Diploma do recém-licenciado. Além disso, os estudantes seleccionam as actividades de voluntariado onde pretendem inserir-se, mesmo que as mesmas não estejam directamente relacionadas com a sua licenciatura. Por exemplo, se um aluno de Engenharia Informática pretender colaborar num projecto de levantamento de dados socioeconómicos, pode não só colaborar nas equipas no terreno, mas também contribuir com os seus conhecimentos informáticos para a inserção e avaliação dos dados levantados.

- tratamento e organização do arquivo do Dr. Almeida Fernandes (historiador) para futura criação da sua Fundação em Tarouca: catalogação, fotografia, tratamento de conservação e restauro, criação de base de dados, etc.
- participação em actividades arqueológicas em diversos monumentos.

A mais-valia do voluntariado cultural passa por não deixar perder o património imaterial, bem como efectuar o levantamento sobre o edificado para evitar perder essa riqueza e legado secular.

Quanto ao voluntariado de secretariado e de eventos, foram desenvolvidas duas vertentes de actuação. Na primeira, os alunos, orientados por docentes, prestaram apoio na organização/realização de diversos eventos (front-office e back-office), sempre que solicitado apoio nessa área pelas entidades parceiras da ESTGL (como, por exemplo, a Caritas Diocesana de Lamego, a Câmara Municipal, o Centro Europe Direct de Lamego, a Escola de Hotelaria e Turismo de Lamego, a Associação de Empresários de Hotelaria e Turismo, entre outros).

Na segunda vertente desta área de voluntariado, estabeleceu-se para o ano lectivo de 2009-2010 uma parceria com o Município de Lamego para o acolhimento de alguns alunos finalistas para o apoio a diversos serviços (180 horas/voluntário). No âmbito deste protocolo, o Município acolheu três voluntárias que desempenharam tarefas de secretariado e organização, sob orientação de um supervisor. Comprovando a importância destas experiências de voluntariado para a potencialização da própria empregabilidade, está a contratação de uma voluntária para a realização de um estágio profissional na mesma instituição no final da licenciatura, de acordo com as necessidades do Município.

Esta área de voluntariado visa auxiliar de forma eficaz e eficiente todo o tipo de assessorias organizacionais, promovendo as boas práticas, a resposta eficiente à desmaterialização dos serviços e a consciencialização das condutas éticas nos recursos humanos já existentes nas organizações, ou que venham a fazer parte no futuro.

Finalmente, dentro do voluntariado social destacamos o projecto da licenciatura de Serviço Social. Este projecto consiste no estabelecimento de parcerias com as entidades autárquicas, para a elaboração de levantamentos e estudos socioeconómicos, realizados por grupos de alunos orientados pelos docentes responsáveis. Posteriormente, os estudos darão origem à apresentação dos resultados, juntamente com propostas de intervenção para apoio social e requalificação patrimonial. Além disso, o levantamento socioeconómico da região permitirá também aos responsáveis políticos e outras entidades públicas e civis deter um conhecimento actualizado e fundamentado acerca da realidade regional, de forma a poderem desenvolver projectos que respondam efectivamente às necessidades da sociedade (e mesmo candidatarem-se a financiamentos externos em determinadas áreas).

Com o inquestionável envelhecimento populacional, a criação de bases de dados sociais são fundamentais para que os organismos possam alcançar os objectivos nacionais e regionais em termos de criação de centros e serviços sociais. Para além deste factor, outros são relevantes, o desemprego e todos os dados referentes a este, são uma realidade para a qual urge planear e implementar soluções. O voluntariado social tem aqui uma função primordial, através da pesquisa, contacto com as populações, interacção com serviços públicos/privados e, sobretudo, na criação de uma base de recursos humanos.

Além do Projecto de Voluntariado, de acordo com as áreas de formação da Escola, consideramos que a intervenção na comunidade deve ser reforçada através de outras medidas que aliem a formação ao reforço da competitividade do capital humano, também através de uma postura de cidadania pró-activa e de voluntariado. Referimo-nos ao projecto inovador do CAADS – Centro de Apoio e Acompanhamento ao Desenvolvimento Social, que se encontra em fase de implementação na nossa Escola.

Este Centro tem como objectivos centrais:

- prestar serviços qualificados a organizações sociais – apoio para a implementação de planos estratégicos e melhorar a sua posição competitiva, conseguindo satisfazer de forma mais eficiente e simultaneamente as necessidades dos segmentos de população a que se destinam as suas valências;
- promover a competitividade e a qualidade organizacional das organizações sociais, que possa conduzir à certificação dos serviços prestados;

- e conhecer a realidade socioeconómica regional, levando à definição de estratégias futuras para o desenvolvimento social sustentável.

Com a implementação deste centro de apoio, onde muitos dos serviços/actividades será também realizado em regime de voluntariado, consideramos que o mesmo será uma mais-valia para a reabilitação das organizações sociais, para a monitorização da implementação dos projectos e, conseqüentemente, ajudar a Escola a desempenhar a sua função de apoio ao comunidade.

#### 4. CONCLUSÃO

O voluntariado constitui, na nossa perspectiva, um elemento inovador mas incontornável para a formação no ensino superior, bem como potencializa a própria empregabilidade dos futuros licenciados, nas mais diversas áreas de especialidade. Ao desempenharem actividades de forma livre e gratuita, inserindo-se em equipas multidisciplinares, têm a oportunidade de desenvolver as suas competências, na medida em que participam de acordo com a sua área de formação.

O voluntariado não pode ser encarado apenas como uma actividade de boa-vontade, essencialmente centrada na área social da vida em comunidade, nem apenas uma acção isolada e/ou alheada das nossas competências profissionais. Na nossa perspectiva, esta ferramenta encontra-se ainda subexplorada e terá a capacidade de aliar a inclusão social ao crescimento competitivo e sustentável de cada comunidade e região. Grande parte dos desafios da sociedade contemporânea são globais e, por isso, exigem respostas concertadas baseadas em visões sistémicas alargadas. No caso europeu, essa possibilidade torna-se ainda mais viável por todos os mecanismos ao dispor para concertação, cooperação e partilha de boas práticas.

Finalmente, o voluntariado constitui ainda uma ferramenta potenciadora dos parâmetros de excelência na qualificação/formação superior:

- permite um contacto com o mercado de trabalho, antes da finalização da formação superior, concedendo mais um espaço para identificar as reais complexidades profissionais de cada área do saber;
- fortalece as competências e conhecimentos científico-técnicos dos alunos, através da sua aplicação prática no terreno, permitindo-lhes identificar possíveis lacunas de conhecimentos e colmatando as mesma através do apoio dos docentes;
- permite adequar a formação nas diversas áreas científicas às necessidades reais do mercado do trabalho, o qual, em constante evolução, necessita que os seus recursos humanos consigam responder a essas mutações e desafios conjunturais para responder ao desafio da competitividade;
- permite a formação dos estudantes ao nível da cidadania, socialmente responsável e participativa, conduzindo, por isso, ao desenvolvimento de uma sociedade mais responsável e inclusiva;
- potencializa ainda a empregabilidade dos próprios jovens licenciados, dado que o desenvolvimento de competências e a demonstração de qualidades como a responsabilidade social e a disponibilidade, evidenciam esses profissionais, destancando-se de outros concorrentes no acesso ao trabalho.

Pelos indicadores apresentados, consideramos que o voluntariado, aliado ao ensino colaborativo e as outras metodologias convencionais conseguem potenciar o período de frequência do ensino superior, pelos estudantes, permitindo a formação integrada de cada indivíduo.

#### REFERÊNCIAS

[1] ARTIGOS EM JORNAIS/REVISTAS

Santos, P.; Bonito, A. (Fev. 2010) – “Interagir com o mundo do trabalho – o ensino colaborativo e o voluntariado”. *In* Actas do Congresso Ibérico Ensino Superior em Mudança: Tensões e Possibilidades – Universidade do Minho [CD-ROM]. ISBN: 978-972-8746-80-3

## [2] URLs

*Estatísticas do Emprego 2009* (2nd quarter, 2009). Lisboa: INE. [www.ine.pt](http://www.ine.pt)

Declaração Universal sobre o Voluntariado (1999), ONU.

“Documento de trabalho sobre o contributo do voluntariado para a coesão económica e social” (Dezembro de 2007). DT\691799PT.doc PE 396.679v01-00. Comissão do Desenvolvimento Regional do Parlamento Europeu, Visualizado em <http://www.europarl.europa.eu/sides/getDoc.do?pubRef=-//EP//TEXT+REPORT+A6-2008-0070+0+DOC+XML+V0//PT#title3>, 01/08/2009.

“Resolução do Parlamento Europeu” (22 de Abril de 2008), sobre o contributo do voluntariado para a coesão económica e social (2007/2149(INI)). Parlamento Europeu, visualizado em <http://www.europarl.europa.eu/sides/getDoc.do?type=TA&reference=P6-TA-2008-0131&language=PT&ring=A6-2008-0070>, 18/08/2009.

“Proclamação de 2011 como Ano Europeu do Voluntariado” - P6\_TA(2008)0389 . Declaração do Parlamento Europeu sobre a proclamação de 2011 como Ano Europeu do Voluntariado. (2009/C 295 E/05). In <http://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=OJ:C:2009:295E:0019:0021:PT:PDF>, 21/02/2011.

## [3] LIVROS

Barreira, A.; Moreira, M. (2004). *Pedagogia das Competências*, Porto: Asa Editores .

Bruto da Costa, A. (2007). *Exclusões Sociais*. Lisboa: Gradiva.

Lave, J. and Wenger, E. (1991). *Situated Learning: legitimate peripheral participation*. Cambridge USA: Cambridge University Press.

Perrenoud, Ph. (1999a). *Construir as competências desde a escola*. Porto Alegre: Artmed.

Perrenoud, Ph. (1999b). Construir competências é virar costas ao saber?, *Pátio. Revista pedagógica* (11), 15-19.

Perrenoud, Ph. (2000). *Dez Novas Competências para Ensinar*. Porto Alegre: Artmed Editora.

Perrenoud, Ph. (2001a). *Porquê construir competências a partir da escola? Desenvolvimento da autonomia e luta contra as desigualdades*. Porto: Edições Asa.

Perrenoud, Ph. (2003), 2ª ed. *Porquê construir competências a partir da escola? Desenvolvimento da autonomia e luta contra as desigualdades*. Porto: ASA Editores.

Rey, B.; Carette, V.; DeFrance, A. & Kahn, S. (2005). *As competências na escola. Aprendizagem e avaliação*. V. N. Gaia: Gailivro.

Viana, Isabel (s/d). Tese de doutoramento. Braga: Universidade do Minho.